

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI

FRANCISCA MARIA DE SOUSA ARAUJO

ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE A OBRA *THE SECRET GARDEN* (1911), DE FRANCES HODGSON BURNETT, E AS ADAPTAÇÕES CINEMATOGRAFICAS *THE SECRET GARDEN* (1993), DIRIGIDA POR AGNIESZKA HOLLAND, E *THE SECRET GARDEN* (2020), DIRIGIDA POR MARC MUNDEN

TERESINA
2022

FRANCISCA MARIA DE SOUSA ARAUJO

ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE A OBRA *THE SECRET GARDEN* (1911), DE FRANCES HODGSON BURNETT, E AS ADAPTAÇÕES CINEMATOGRAFICAS *THE SECRET GARDEN* (1993), DIRIGIDA POR AGNIESZKA HOLLAND, E *THE SECRET GARDEN* (2020), DIRIGIDA POR MARC MUNDEN

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras – Inglês da Universidade Estadual do Piauí como requisito parcial à conclusão do curso, sob a orientação do Prof. Ms. Vinicius Macedo Barreto de Negreiros.

**TERESINA
2022**

FOLHA DE APROVAÇÃO

ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE A OBRA *THE SECRET GARDEN* (1911), DE FRANCES HODGSON BURNETT, E AS ADAPTAÇÕES CINEMATOGRAFICAS *THE SECRET GARDEN* (1993), DIRIGIDA POR AGNIESZKA HOLLAND, E *THE SECRET GARDEN* (2020), DIRIGIDA POR MARC MUNDEN

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO APROVADO EM ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.
Presidente

Prof.
Membro

Prof. Membro

Dedico esta pesquisa a todos os que amam o mundo literário e as suas adaptações cinematográficas.

A magia nos conecta com a natureza, equilibra nossa mente, nosso corpo e nosso espírito. Ela pode nos levar ao autoconhecimento e a aceitar a nós mesmos como somos (VIOLETA, 2019, p. 12).

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me permitido chegar até esta etapa da vida pessoal, profissional e acadêmica;

À Universidade Estadual do Piauí – UESPI, pela oportunidade de aprendizado, não só na área do curso, mas também pelo aprendizado de vida que me proporcionou;

Ao Professor Ms. Vinicius, meu orientador, por me orientar com dedicação e paciência;

Aos meus professores de todo o corpo docente do curso de Licenciatura em Letras Inglês por me proporcionarem um novo aprendizado, em especial, à Profa. Dra. Márlia Riedel, por me ajudar a organizar e corrigir minha pesquisa; à falecida Profa. Es. Cláudia Verbena por fazer-me ter interesse na comparação de obras através de suas aulas divertidas; à Profa. Dra. Sharmilla por inspirar em mim o desejo por estudar literatura;

À minha família por sempre me apoiar;

Aos meus amigos que conheci ao longo do curso, com quem compartilhei momentos de alegria, ansiedade e momentos de progresso; às minhas amigas de longa data, Amanda, Mônica, Elaine, Raylla, e Mara Ligia, por acreditarem em mim.

RESUMO

Neste TCC apresenta-se um estudo acerca da importância da literatura infantil para as crianças e sobre a transposição do texto literário para o cinema. Este trabalho tem como objetivo propor uma análise comparativa entre o livro infantil *The Secret Garden* (1911), de Frances Hodgson Burnett, e as adaptações fílmicas para o cinema realizadas pela cineasta Agnieszka Holland (1993) e pelo cineasta Marc Munden (2020). Para isso, buscou-se observar as semelhanças e as divergências entre o texto literário e os dois filmes de mesmo título, produzidos, porém, com uma diferença de 30 anos, evidenciando, assim, a época em que se desenvolve o enredo em cada adaptação. Utilizou-se, então, uma pesquisa do tipo bibliográfico, com base nos teóricos Abramovich (1997), Pellegrini (2003), Santos & Oliveira (2001) e Xavier (2003). A partir da perspectiva desses teóricos, analisou-se, com mais profundidade, o mundo de *The Secret Garden* (1911) tanto no texto literário quanto no fílmico. Percebeu-se que os cineastas tentaram trazer a essência da obra de Burnett, usando-se da licença poética na transposição dos extratos da obra literária para as telas do cinema.

Palavras-chave: Literatura infantil; Adaptação cinematográfica; *The Secret Garden*; Frances H. Burnett; Agnieszka Holland; Marc Munden; Literatura comparativa.

ABSTRACT

In this TCC presents the study about importance of children's literature for children and about the transposition of the literary text to the cinema. This work aims to propose a comparative analysis between the children's book *The Secret Garden* (1911) by Frances Hodgson Burnett for cinema by filmmaker Agnieszka Holland (1993) and filmmaker Marc Munden (2020). For this, we observe the similarities and differences between the literary text and the two films of the same title, but produced with a difference of 30 years, thus showing the time in which the plot develops in each adaptation. Then, we used a search of bibliographical nature, based on theorists: Abramovich (1997), Pellegrini (2003), Santos & Oliveira (2001), Xavier (2003). From the perspective of these theorists, the world of *The Secret Garden* (1911) was analyzed in more depth, both in literary and filmic text. It is clear that the filmmakers tried to bring the essence of Burnett's work to the cinema screen, using poetic license in transposing extracts from the literary work to the cinema.

Keywords: Children's literature; Film adaptation; The Secret Garden; Frances H. Burnett; Agnieszka Holland; Marc Munden; Comparative literature.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 -	31
Quadro 02 -	32
Quadro 03 -	33
Quadro 04 -	34
Quadro 05 -	35
Quadro 06 -	36
Quadro 07 -	37
Quadro 08 -	39
Quadro 09 -	40
Quadro 10 -	42

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 UM OLHAR BIBLIOGRÁFICO SOBRE A OBRA <i>THE SECRET GARDEN</i>, A LITERATURA INFANTIL E A ADAPTAÇÃO CINEMATOGRAFICA.....	14
2.1 <i>The Secret Garden</i> : Frances Hodgson Burnett	15
2.2 <i>The Secret Garden</i> : Agnieszka Holland	18
2.3 <i>The Secret Garden</i> : Marc Munden	20
2.4 A literatura infantil no século XVIII ao XXI.....	22
2.5 A obra literária e sua adaptação cinematográfica.....	24
3 METODOLOGIA.....	28
3.1 Tipo de Pesquisa.....	28
3.2 População.....	28
3.3 Amostra.....	28
3.4 Técnica de Coleta de Dados.....	29
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	30
4.1 A Ayah.....	31
4.2 A sobrevivente.....	32
4.3 No cais.....	33
4.4 Pelo pântano.....	34
4.5 O quarto de Mary Lennox.....	35
4.6 O ataque de fúria.....	36
4.7 O canto do pintarroxo.....	37
4.8 Encontrei uma chave.....	39

4.9 A porta do jardim misterioso.....	40
4.10 O misterioso jardim.....	42
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	46
APÊNDICES	
ANEXOS	

1 INTRODUÇÃO

The Secret Garden (BURNETT, 1911) é uma famosa obra literária do gênero infantil escrita por Frances Hodgson Burnett e publicada em 1911, inspirando-se no jardim que havia em sua antiga residência, na qual morava com seus filhos. Todos os personagens foram inspirados nas pessoas que conviveram com seus filhos nessa época. Frances Hodgson Burnett começou sua carreira escrevendo livros para adultos, consolidou-se, porém, na área como autora infantojuvenil, sendo as obras *Little Lord Fauntleroy* (1886), *A Little Princess* (1905) e *The Secret Garden* (1909) aquelas que alavancaram sua carreira.

The Secret Garden (BURNETT, 1911) conta a história de Mary Lennox, uma problemática órfã de 10 anos que foi enviada para morar com seu tio na Inglaterra, quando seus pais morreram de cólera. Mary foi apresentada a um novo ambiente e aprendeu lições sobre a humanidade e a humildade através de Martha, a empregada da governanta, Sra. Medlock, e de seus amigos, Dickon e Colin, enquanto se divertem em um jardim que estava trancado há 10 anos.

The Secret Garden (BURNETT, 1911) possui ricos detalhes nas cenas que compõem a história, fazendo com que os personagens fluam dentro da narrativa, deixando a leitura mais envolvente, de tal forma que consegue prender o leitor a cada página.

Essa obra literária já recebeu várias adaptações cinematográficas em diversos países, como *The Secret Garden* (1993), dirigida por Agnieszka Holland, e *The Secret Garden* (2020), dirigida por Marc Munden.

Agnieszka Holland, diretora e roteirista polonesa, já trabalhou com mais de 40 filmes, o que lhe rendeu experiência para fazer a adaptação de uma obra literária. Ela conseguiu encaixar as histórias dos personagens, selecionar os diálogos e adaptar os ambientes, com algumas notáveis diferenças em relação ao tempo e espaço, sem, contudo, perder a essência da obra literária original *The Secret Garden* (BURNETT, 1911). Sua adaptação cinematográfica foi lançada no ano de 1993 e lhe rendeu boas críticas, fazendo-a ganhar o prêmio BAFTA (*British Academy of Film and Television Arts*) como a melhor diretora do ano.

Marc Murden, diretor inglês, tem 32 anos de carreira e já trabalhou como diretor em quatro filmes e 11 séries. Ele foi indicado várias vezes na categoria de melhor diretor e já ganhou três vezes o prêmio BAFTA (*British Academy of Film and Television Arts*). Em 2018 anunciou que iria dirigir a adaptação cinematográfica da obra literária *The Secret Garden (1911)*, de Frances Hodgson Burnett. O filme, contudo, só foi lançado nos cinemas no dia 23 de outubro de 2020 no Reino Unido. Marc Munden trouxe ao público uma versão mais sombria da história, com cenas que em determinados momentos são coloridas demais e, em outros, são sombrias demais, retratando os problemas familiares enquanto mesclam a realidade com o imaginário.

A partir disso, questiona-se: quais motivos levaram a obra literária *The Secret Garden (1911)* a gerar divergências entre o enredo e os personagens após ser adaptada para o cinema? As adaptações cinematográficas *The Secret Garden (1993)* e *The Secret Garden (2020)* podem ser consideradas fiéis à obra literária *The Secret Garden (1911)*, de Frances Hodgson Burnett?

Para responder a esta pergunta, levantou-se algumas hipóteses: a possível licença poética conferida ao cineasta fez com que a adaptação cinematográfica se distanciasse da obra literária para evitar certos comportamentos que não são mais aceitos pela sociedade; as adaptações cinematográficas são inseridas dentro do contexto contemporâneo, abrangendo assuntos de maior repercussão com o intuito de fazer com que o novo público reflexionasse sobre esses assuntos, uma vez que suas consequências ainda são negligenciadas; o uso adequado do tempo e do espaço na adaptação cinematográfica é fundamental para que o diretor consiga selecionar o que vai ser colocado e retirado da obra literária na hora do planejamento do roteiro, para que, assim, as cenas, os diálogos e os próprios personagens consigam fluir dentro da história.

Nesse sentido, o trabalho objetivou comparar e analisar a obra literária *The Secret Garden (1911)*, de Frances Hodgson Burnett, com as obras cinematográficas *The Secret Garden (1993)*, dirigida por Agnieszka Holland, e *The Secret Garden (2020)*, dirigida por Marc Munden, evidenciando as semelhanças e as diferenças existentes entre elas; entender qual é o papel da literatura infantil na vida das crianças na sociedade do século XVIII até o século XXI; informar como surgiu o cinema, evidenciando o poder da licença poética na adaptação de obras literárias para obras cinematográficas.

Diante do que foi exposto, este trabalho justifica-se pela necessidade de uma análise mais profunda da obra, visto que de uma época para outra não mudam somente os fãs da obra literária *The Secret Garden* (1911), como também suas próprias adaptações podem mudar de acordo com a cultura do país no qual foi produzida, com a interpretação daquele que dirige ou escreve o roteiro após a leitura da obra original. Como foi dito por Santos e Oliveira (2001, p.24), “se cada sociedade veicula uma ideia diferente de pessoa, é de se esperar que tal diversidade se expresse nos textos que as sociedades produzem”. Ou seja, essa interpretação e o uso da licença poética feita pelos diretores fez com que houvesse a possibilidade de uma análise comparativa de uma obra para outra, mostrando ao novo público os pontos similares e diferentes.

2 UM OLHAR BIBLIOGRÁFICO SOBRE A OBRA *THE SECRET GARDEN*, A LITERATURA INFANTIL E A ADAPTAÇÃO CINEMATOGRÁFICA

No século XVIII, com os eventos advindos do aumento da alfabetização, a Revolução Industrial, a ascensão da classe média e o surgimento de bibliotecas foram responsáveis pelo nascimento do romance como algo mais pragmático e moral, explorando personagens mais realísticos do que o sobrenatural. E com isso, não só os homens aprenderam a ler como também as mulheres se tornaram leitoras, causando uma demanda na publicação de novos romances que se adaptassem ao seu gosto.

Enquanto isso, as crianças ainda eram vistas como pequenos adultos e, por isso, tinham de se engajar lendo livros direcionados para adultos, com uma linguagem mais complexa, a exemplo de *Robison Crusoe* (1719), de Daniel Defoe, ou de *Guilliver's travels* (1726), de Jonathan Swift. Nesse contexto, as crianças que pertenciam à aristocracia, à burguesia e à nobreza faziam parte de um novo grupo de leitores e, por isso, surgiram daí os contos medievais adaptados por Perrault como sendo os primeiros romances do gênero infantil.

Com a invenção do cinematógrafo no século XIX, e as primeiras produções cinematográficas pelos irmãos Lumière, a adaptação de obras literárias para filmes se intensificou em 1908, ao criarem a sociedade de Filmes de Arte, que tinha como objetivo o rompimento da fidelidade de um gênero para outro, surgindo assim a licença poética, que ajudou muitos cineastas na adaptação das obras literárias com o intuito de despertar o interesse do público.

No entanto, os filmes produzidos ainda não atingiam toda população, pois neste século mencionado poucos tinham condições financeiras para assistir a um filme no cinema, fosse ele original ou não. Ou seja, os filmes eram restritos para a minoria. Com o surgimento da televisão, durante o século XX, aqueles que não tinham condições de ir para cinema, optaram em comprar a televisão e, assim, todas as adaptações de obras literárias para as cinematográficas produzidas tiveram uma larga expansão para o público em geral após a emissora comprar os direitos autorais da obra.

2.1 *The Secret Garden*: Frances Hodgson Burnett

Frances Hodgson Burnett nasceu em 24 de novembro de 1849. Foi a autora da famosa obra literária *The Secret Garden*, que foi lançada em 1911, alguns anos antes de sua morte, em 1924. Sua vida foi repleta de altos e baixos, principalmente durante seu casamento conturbado até a perda de um dos seus filhos. Em 1908, a casa em que Burnett havia morado com seus filhos e na qual passou os anos mais felizes de sua vida foi vendida pelo proprietário. A casa, os jardins, o pintarroxo e as pessoas que viviam ali foram usados como modelos para a criação de seu novo livro intitulado *The Secret Garden* e, que alguns anos mais tarde, se tornou muito popular entre as crianças por causa de sua narrativa que ora era dramática, ora cativante. Uma história considerada simples por vários críticos, porém com capacidade de prender o leitor a cada página.

Com sua escrita fascinante, leve e romântica, Burnett (1924) conseguiu ganhar os corações de vários leitores, independentemente de suas idades, ao apresentar ao mundo a história de *The Secret Garden*. Para isso, a escritora usou elementos que para muitos seria algo pesado, mas que no final atingiu o objetivo, a saber, fazer com que os leitores reflexionassem sobre suas atitudes, como foi dito por Cademartori (2010, p. 41), que tanto a criança quanto o adulto ao lerem algum tipo de narrativa ficcional podem se ver representado dentro da história e, assim, apreciá-la. Para isso, Burnett (1924) usou elementos como a doença, a regeneração, a independência da criança e, principalmente, a morte – este último elemento foi visto em sua outra obra infantojuvenil de grande sucesso, *The Little Princess* – como temas que foram minuciosamente trabalhadas dentro da narrativa. Este tipo de narrativa com personagens mais complexos era diferente das narrativas que vieram antes do século VIII, que tinha como característica uma narrativa complexa e personagens previsíveis.

O que se constata, no desenvolvimento das formas narrativas em prosa, é que houve, a partir do século XVIII, uma transformação que substituiu os enredos complicados, povoados por personagens muito esquemáticas, recheados de ações mirabolantes, por enredos de pouca importância, em que a ação torna-se menos física e mais psicológica, e em que as personagens apresentam um maior grau de complexidade (SANTOS; OLIVEIRA, 2001, p. 28).

Percebe-se que muitos escritores a partir do século XVIII trocaram as narrativas de linguagem complexa, como as obras-primas *À la recherche du temps perdu* (1913) (“Em busca do tempo perdido”), de Marcel Proust, *Brave New World* (1932), de Aldous Huxley, *Moby Dick* (1851), de Herman Melville, por uma de estrutura mais simples, de fácil entendimento, porém com personagens mais complexos. Com Burnett (1924) também não foi diferente, ela fez essa troca ao escrever *The Secret Garden* (1911), os ricos detalhes da obra se assemelham à personalidade de cunho psicológico, portanto complexo, mas com uma narrativa simples e fluida.

Na obra *The Secret Garden* (1911) os personagens superam as diversidades da vida através da convivência diária, como: a personagem Mary Lennox, que deixou de ser uma criança mimada e se transformou ao longo da história; o seu primo Colin Craven, que aprendeu a ter fé; e até Archibald Craven, que deixou de se culpar pela morte de sua esposa. Essas superações fazem parte daquilo que Burnett (1924) citou várias vezes em sua obra: a magia.

Segundo Abramovich (1997, p. 121), “a magia não está no fato de conter uma fada já anunciada no filme, mas na sua forma de ação, de aparição, de comportamento, de abertura de portas”. Ou seja, os elementos compostos nas cenas nos remetem à magia, que vai desde o primeiro encontro de Mary com o pintarroxo, o farfalhar das trepadeiras que pendiam no muro como se a chamasse, até a sua amizade com Dickon, “o encantador de animais”. Todos esses elementos deixaram a obra mais mágica.

A literatura costuma interrogar a certeza que possuímos quando acreditamos na *concretude* dos espaços. Não se trata de negar a existência do espaço físico, mas de chamar a atenção para o fato de que é impossível dissociar, do espaço físico, o modo como ele é percebido (SANTOS; OLIVEIRA, 2001, p. 69).

A partir disso, projeta-se uma interpretação desse espaço físico em que os personagens de *The Secret Garden* vivem e de como todos esses elementos foram capazes de transformar os personagens. Então, percebe-se que há uma dicotomia espacial que ocorre dentro da narrativa, ora dentro da mansão de *Misselthwaite* mostrando algo mais sombrio, ora nos jardins e no pântano respaldando algo mais vívido, ao mesmo tempo, trazendo aos leitores imagens sobre a morte e a vida.

A história do livro *The Secret Garden* (1911) centra-se na mimada e doente Mary Lennox e em como foi encontrada sozinha no bangalô de sua casa pelos oficiais britânicos, após seus pais falecerem de cólera e os empregados fugirem de medo. Depois de seis meses morando em uma casa de uma família humilde, Mary Lennox vai morar na sombria mansão de *Misselthwaite* com seu tio Archibald Craven, sendo acompanhada desde o porto até a mansão pela rígida governanta Sra. Medlock.

Nesta transição de um ambiente para outro há um choque de realidade. Mary, que estava acostumada a ter tudo para si em sua casa na Índia, de repente teve que aprender coisas básicas, como se calçar, se vestir, comer sozinha, e tudo isso é mostrado por Burnett (1924) durante a narrativa. Além disso, os ricos detalhes dos ambientes descritos no livro tomam forma com o aparecimento dos ícones personagens que fazem parte da trama, como: a empolgada empregada chamada Martha, o velho rabugento Ben Weatherstaff, Dickon, o irmão mais novo de Martha, o pintarroxo chamado Robin, e o doente e mimado Colin Craven.

Mary Lennox aprende lições valiosas de humanidade com Martha, através de suas histórias, que lhe foram contadas por sua mãe, Susan. Sua mãe lhe presenteou com uma corda de pular, e Martha ensinou Mary a brincar com ela. Para mostrar o quão grata Mary estava com o presente, Burnett (1924) expressou sua gratidão ao descrever, no que provavelmente foi a primeira vez, um "*I like to hear you talk*" (BURNETT, 1911, p. 75) ou um "*thank you*" (BURNETT, 1911, p. 78), vindo da parte de Mary para Martha, mostrando que essa interação entre as duas começou a ajudar na transformação da protagonista criança no decorrer da narrativa.

Há personagens em *The Secret Garden*, como Ben Weatherstaff, que alimenta a imaginação de Mary Lennox sobre o jardim trancado desde a morte da esposa de Archibald Craven, deixando-a determinada sobre encontrar a porta para o jardim. Até mesmo quando se encontra pela primeira vez com Dickon e este a ensina que o jardim abandonado não está morto e a partir daí eles se tornam amigos, ou quando ao explorarem a mansão de *Misselthwaite*, Mary acaba descobrindo que tem um primo chamado Colin Craven. Percebe-se que ao lêr *The Secret Garden*, possui duas partes: a primeira centra-se na história de Mary Lennox e na sua transformação; na segunda parte

ela se tornou o principal agente na restauração do jardim e na recuperação de Colin, mudando o foco da narrativa respectivamente.

Se cada sociedade veicula uma ideia diferente de pessoa, é de se esperar que tal diversidade se expresse nos textos que as sociedades produzem. Em função disso, encontramos, nos textos literários de cada época e cultura, variações nos modos de conceber e de articular os sujeitos ficcionais (SANTOS; OLIVEIRA, 2001, p. 24)

Muitas obras com o passar dos anos foram sendo atualizadas de acordo com a época em que foi relançada. A mesma coisa aconteceu com a obra *The Secret Garden* (1911), que ganhou várias novas versões escritas e com ilustração, filmes animados e realísticos. Muitas obras de Frances Hodgson Burnett, ao serem adaptadas, tiveram as narrativas cortadas ou adaptadas para um contexto mais simplório, independente se eram em formato de texto e/ou com ilustrações, para leitores iniciantes, ou preservando a obra original, para leitores mais veteranos.

2.2 *The Secret Garden*: Agnieszka Holland

Agnieszka Holland é uma cineasta e roteirista que nasceu em Varsóvia, na Polônia, em 1948. Filha de mãe católica, foi criada nesse contexto religioso, o que a levou a fazer o filme *Jesus Christ's Sin* (1970) e *Evening at Abdon's* (1975), usando um estilo poético. Ao tentar se desvincular desse estilo surrealista e se aproximar mais de um novo estilo que se difundiu na Polônia, a diretora Holland inspirou-se no cinema tcheco, o que lhe permitiu criar sucessos como *Fever* (1980) e *Lonely Woman* (1981), sendo este último filme o responsável pela diretora Holland deixar o seu país de origem e emigrar para França.

Em *The Secret Garden* (1993), a diretora Holland trouxe não só para o público infantil como para o público em geral uma forma distinta da adaptação da obra original. Ela conseguiu adaptar com maestria os temas sombrios que há na obra literária de Burnett (1924), como: a depressão, a morte, a doença, a irresponsabilidade. Nessa adaptação, a diretora Holland tenta colocar os eventos da obra literária *The Secret Garden* (1911) em uma ordem cronológica, sem fugir para uma linha diferente como alguns cineastas fazem ao adaptar obras literárias para o cinema, como *The Book Thief*

(2005), de Markus Zusak, *Percy Jackson* (2005-2009), de Rick Riordan entre muitas outras obras que tiveram seus enredos modificados. Isto ocorre, porque, segundo Santos e Oliveira (2001, p. 73), “reproduzir significa, literalmente, *produzir de novo*, ou seja, em um gesto que é, de certo modo, repetição, gerar uma realidade diferente”, neste caso, à medida que a obra literária é reproduzida, pode acontecer de a obra ganhar novos recursos diferentes alterando, assim, a linha original na hora de adaptá-la para um filme.

Em sua adaptação, a diretora Holland explorou o mundo de *The Secret Garden* (1911) e isto foi positivo, pois ela, como cineasta e roteirista, conseguiu encaixar as histórias dos personagens, selecionar os diálogos e adaptar os ambientes da obra escrita em sua adaptação cinematográfica, sem perder o fluxo. Para isso, com sua experiência em mais de 40 filmes e séries de televisão, desde os produzidos na Polônia quanto aos estrangeiros, a diretora Holland usou uma paleta monocromática, a famosa paleta polonesa, com tons mais pastéis, deixando o filme mais realista para a época que estava retratando. Ela foi indicada e premiada no prêmio *BAFTA* (*British Academy of Film and Television Arts*).

No entanto, com a liberdade artística, a diretora Holland retirou o surto de cólera, doença que deixou milhões de pessoas mortas na metade do século XIX até o início do século XX, no qual *The Secret Garden* (1911) se baseia ao mencionar a morte dos pais da protagonista e dos empregados de sua casa na Índia. Então, a diretora Holland optou por substituir esse evento por algo mais “leve”, sem perder o brilho e a essência da obra literária.

Na adaptação cinematográfica *The Secret Garden* (1993), somos apresentados a Mary Lennox que perdeu seus pais durante um terremoto. Nota-se que a diretora Holland retirou o surto de cólera como o principal e único fator para morte dos pais dela, substituindo-o por um fenômeno natural, deixando a obra mais “leve” e atual para a época em que estava sendo produzido, porém sem perder a essência da obra literária. A história prossegue com Mary Lennox desembarcando em Liverpool, acompanhada pela Sra Medlock, governanta da mansão *Misselwaite*, até a mansão onde viverá com seu tio Archibald. No dia seguinte, ela conhece Martha, empregada da Sra. Medlock, e está a incentiva a passear pelos jardins da mansão. Do lado de fora, Mary depara-se com um

jardineiro rabugento chamado Ben, um pintarroxo, que de alguma forma se interessou por ela, e um menino chamado Dickon, irmão mais novo de Martha.

Ao explorar a mansão, ela encontra o quarto que pertencia a sua tia. Era um quarto com vestidos, um porta-retrato com sua mãe e sua tia, um elefante de porcelana e, em frente ao porta-retrato, um porta-joias com uma chave dentro. Ao continuar a explorar a mansão de *Misselthwaite*, Mary descobre que tem um primo chamado Colin prostado na cama. E mais tarde, o pintarroxo mostra onde está a porta do jardim misterioso, fazendo com que Mary retorne ao quarto de sua tia e pegue a chave de dentro do porta-joias. Com a porta aberta, Mary vê um jardim sem vida. Com a ajuda de seu mais novo amigo Dickon, ela está determinada a dá vida àquele jardim abandonado e levar o seu primo para conhecê-lo quando as flores desabrocharem na primavera.

2.3 *The Secret Garden*: Marc Munden

Marc Munden nasceu em Londres, capital da Inglaterra, era filho de um cineasta e documentarista que faleceu quando ainda era jovem. Começou seus estudos na *UCL (University College London)* em Filosofia e Matemática, mas só depois de se graduar é que ficou determinado a se tornar diretor, igual a seu pai. Aos poucos, trabalhando como assistente de diretores como Mike Leigh, Derek Jarman e Terence Davies, Munden continuou a economizar seu dinheiro e a trabalhar em seus próprios documentários e, posteriormente, em filmes.

Em 2018, Munden foi escalado como o diretor para a nova adaptação da obra literária *The Secret Garden* (1911), de Frances Hodgson Burnett, sendo que o filme teve a sua estreia confirmada somente para 2020. A adaptação *The Secret Garden* (2020), dirigida por Munden, foi ambientada durante a pandemia de cólera e a repartição entre a Índia e o Paquistão. Esse filme, diferente da adaptação cinematográfica de Agnieszka Holland, trouxe a versão mais sombria da história, dos personagens, de seus sentimentos, com cenas que ora são coloridas demais ora são sombrias demais, mesclando a realidade com o imaginário em diversas cenas.

The Secret Garden (2020) também retrata os problemas familiares, enfatizando a negligência dos pais com os filhos, a depressão e as consequências que elas trazem

para as outras pessoas, de uma maneira mais aberta ao público. Sentimentos como: o ódio, a dor e o egoísmo se transformam lentamente em amizade, respeito e compaixão. Essa adaptação cinematográfica mescla sentimentos capazes de transformar a magia inserida no jardim em algo além do inimaginável.

Sua adaptação conta a história de Mary Lennox, uma jovem garota mimada e que reprimia suas emoções enquanto crescia na Índia. No começo da história, vemos Mary sendo abandonada na casa que vivia com seus pais e os empregados, sendo encontrada por oficiais do governo, e é a partir deles que soube que seus pais haviam falecido ao contrair a cólera. Então, ela e muitas outras crianças são enviadas para a Inglaterra, onde Mary Lennox começaria a viver na distante e sombria mansão de *Misselthwaite* com seu tio Archibald Craven.

Ao chegar na Inglaterra, Mary conhece a Sra. Medlock, a governanta da mansão de *Misselthwaite*, e esta a adverte para não explorar a mansão. Mais tarde, ela conhece Martha, a empregada da Sra. Medlock, que não se conforma com a forma como Mary foi criada na Índia. No dia seguinte, Martha incentiva-a a explorar os jardins e, lá, Mary conhece um cachorro ruivo que ela chama de Jemima. Na mesma noite, Mary escuta gritos e choros, e ao explorar a mansão descobre um menino acamado e que este é o filho do seu tio e, portanto, seu primo biológico.

Percebe-se que no filme *The Secret Garden* (2020) como também em *The Secret Garden* (1993), Mary Lennox é a personagem principal e, que após conhecer seu primo, isso se torna um dos fatores decisivos para a transformação dele. No entanto, a Mary Lennox de *The Secret Garden* (2020) ganhou um papel a mais no enredo do filme: como narradora de sua própria história. Segundo Santos e Oliveira (2001, p. 4), “em toda a história há uma voz que narra”, e Mary Lennox faz esse papel durante algumas cenas do filme, principalmente, na cena sobre as lembranças de sua vida na Índia, quando narra sobre o passado de sua tia com sua mãe.

Como foi dito por Santos e Oliveira (2001, p. 57), “a recordação do passado vai ajudar a compreender personagens e fatos que, uma vez ressuscitados, vivos, presentificados pela evocação, revitalizam o tempo”, e são essas lembranças de Mary Lennox que fazem com o que público consiga perceber os sentimentos alheios dentro da história e se ver representado dentro da história, como foi mencionado tanto por

Cadermatori, no livro em que ele discute “O que é literatura infantil” (2010), quanto por Abramovichi, em seu livro sobre “Literatura infantil” (1997).

Com um tempo brincando com Jemima, ela a leva até um muro com heras e galhos, fazendo com que Mary se aventure além desse muro. Quando Jemima fica presa em uma armadilha, Mary a solta e Jemima foge. Ao chegar no jardim, Mary encontra Jemima mancando. Robin a leva até uma estátua de pedra que possui uma chave dentro. No pântano, Dickon aparece pela primeira vez para Mary e este diz que pode curar seu cachorro se ela a levar até onde ele está. A partir desse evento, Mary, Dickon e Jemima se tornam amigos e, logo, arquitetam um plano de como vão trazer Colin para dentro do jardim.

2.4 A literatura infantil do século XVIII ao XXI

Com o aumento do poder da burguesia por causa da Revolução Industrial, como também a alta taxa de alfabetização entre homens e mulheres, também cresceu a necessidade de um ensino que completasse o livre desenvolvimento das capacidades e interesses individuais das crianças a partir do século XVIII. Pois até meados do século XVII, as crianças ainda eram vistas como pequenos adultos e participavam ativamente da vida social e financeira, como os casamentos arranjados ou a ascensão dos meninos como o próximo herdeiro do patrimônio da família.

A partir disso, foram abertos vários espaços para trabalhar a literatura infantil, pois antes de a burguesia ascender, não existia o termo “infância”. Os livros usados nas instituições eram sobre economia e política e nenhum deles preenchia as necessidades imediatas das crianças, inclusive as narrativas direcionadas para os adultos como Robison Crusoe (1719), de Daniel Defoe, que possuíam uma linguagem mais complexa, pois eram os únicos livros de literatura que existiam nessa época. Para Paio (2006, p. 5), citado por Araújo (2016, p. 14), sobre a posição da criança no ocidente:

Falar à criança, no Ocidente, pelo menos, é dirigir-se não a uma classe, já que não detém poder algum, mas a uma minoria que, como outras, não tem direito a voz, não dita seus valores, mas, ao contrário, deve ser conduzida pelos valores daqueles que têm autoridade para tal: os adultos. São esses que possuem saber e experiência suficientes para que a sociedade lhe outorgue a função de condutores daqueles seres que nada sabem e, por isso, devem ser-lhes submissos: as crianças.

Percebe-se que as crianças não possuíam voz, opinião ou querer naquela época em que ainda predominava o ensino medieval e mecânico. Por exemplo, tanto no filme quanto na obra narrativa *The Secret Garden*, o personagem-criança Colin, por se tratar do único filho do dono da mansão de *Misselthwaite*, não tinha direito de voz sobre o que queria e, por isso, a Sra. Medlock, a governanta da mansão, era quem cuidava dele dia e noite. E isto, dentro da narrativa, foi antes de conhecer e conviver com sua prima Mary Lennox.

O gênero literário infantil iniciou-se a partir do século XVIII, com o francês Charles Perrault, considerado o pai da literatura infantil, ele adaptou contos medievais que eram trazidos por seus servos, adaptando-os para o gosto dos leitores de sua época. A primeira obra narrativa da literatura infantil que Charles Perrault escreveu foi a *Contes de Ma Mère L'Oye* ou *Os Contos da Mamãe Ganso* (1697), e foi a partir dela que começou a vasta publicação de livros direcionados para as crianças. Os contos mais conhecidos que são considerados clássicos e lidos até hoje em dia pertencem aos irmãos Grimm. Além desses contos, histórias como *Cinderela*, *A Gata Borralheira*, *O Gato de Botas*, ainda fazem parte da infância de muitas crianças.

Além disso, o primeiro contato da criança é feito oralmente, seja quando ainda está na barriga da mãe ou quando está em seus braços, antes mesmo de aprender a falar, ler e escrever. A partir daí, dois tipos de gênero literário infantil são apresentados: o oral e o escrito. Pois antes de existir a escrita, as histórias épicas, fábulas, os contos de fadas, todas essas representações da imaginação humana eram contadas oralmente pelos mais velhos, ou cantada pelos bardos na era medieval.

É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos – dum jeito ou de outro – através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (cada uma a seu modo) (ABRAMOVICH, 1997, p. 17).

Como afirma Abramovich (1997), a leitura de livros infantis proporcionou um novo mundo para as crianças, tornando-se importante para o desenvolvimento através dos conflitos existentes na narrativa, fazendo com que elas se identificassem tanto com a narrativa quanto com os personagens. Isto ocorre, porque quando a criança tem esse

primeiro contato com a literatura, ela consegue enxergar o universo de uma forma mais surreal, experimentando as emoções, vivenciando novos lugares e se apaixonando pelos personagens, como foi dito por Cademartori (2010, p. 7), que a literatura infantil digna do nome é aquela que estimula a criança a viver uma aventura com a linguagem e seus efeitos, em vez de deixá-la cercada pelas intenções do autor ou pelo interesse pedagógico.

Para Abramovich (1997, p. 98), “a criança, dependendo de seu momento, de sua experiência, de sua vivência, de suas dúvidas, pode estar interessada em ler sobre qualquer assunto.” Isto se deve ao fato de a literatura infantil escrita não existir somente num emaranhado de palavras aleatórias, sem algum sentido. A literatura infantil mostra traços da realidade desde contextos mais profundos até os mais suaves, como falar sobre amizade, casamentos, morte, separação etc.

2.5 A obra literária e sua adaptação cinematográfica

A história das adaptações cinematográficas começou com a invenção do cinematógrafo, no século XIX, pelo francês Léon Bouly. Mas, antes disso, existiram outras invenções que estavam sendo desenvolvidas em outros países, como o cinetoscópio - que capturava a imagem-movimento. O cinematógrafo era um aparelho que conseguia gravar e projetar a luz das imagem-movimento por alguns segundos. Em 1895, após ser patenteada pelos irmãos Lumière, é que surgiram as primeiras produções cinematográficas, sendo o primeiro filme intitulado *La Sortie de L'usine Lumière à Lyon*.

A adaptação cinematográfica de uma obra narrativa ocorre por um processo de transição, em que uma obra narrativa, ao ser adaptada, deve ser encaixada no contexto histórico de uma determinada cultura, direcionada a um novo público-alvo e, com isso, adotando uma linguagem adequada.

O princípio formal das narrativas realistas e naturalistas do século XIX, contra o qual se insurgiu a narrativa moderna, repousava na noção dos efeitos corrosivos do tempo, como reflexo da mecanização e trivialização de todos os aspectos da vida social e individual (PELLEGRINI, 2003, p. 19).

Entende-se que uma obra narrativa, independentemente de ser realista ou naturalista, pode sofrer variações na sua adaptação quanto ao tempo em que se situa. A sociedade está em constante movimento, mudando o seu jeito de vestir, consumir, ler, a cada década que se passa, fazendo com que obras originais recebam uma nova repaginada para abranger a um novo público.

A questão da adaptação literária pode ser discutida em muitas dimensões. E o debate tende a se concentrar no problema da interpretação feita pelo cineasta em sua transposição do livro. Vai-se direto ao sentido procurado pelo filme para verificar em que grau este se aproxima (é fiel) ou se afasta do texto de origem (XAVIER, 2003, p. 61).

A partir desse pressuposto, há um grande acervo de adaptações literárias no cinema, como: *The Secret Garden* (1911), que recebeu várias adaptações tanto narrativas, de ilustração quanto fílmicas; algumas delas possuem a mesma essência da obra literária de Frances Hodgson Burnett, como o filme *The Secret Garden* (1993), enquanto outras possuem uma trama um pouco diferente, como o que acontece com *The Secret Garden* (2020), porém não deixam de ter o jardim como tema principal, pois sem o jardim não existiria a obra.

De acordo com Xavier (2003, p. 61), o debate sobre as adaptações literárias tende a se concentrar no problema da interpretação feita pelo cineasta com sua transposição do filme. A partir desse enunciado, percebe-se que as mudanças nas adaptações cinematográficas dependem da interpretação do cineasta em comparação com a realidade na qual vivemos, que podem alterar não só a trama, mas o fluxo do espaço-tempo no filme adaptado diretamente do livro.

A mudanças que, com o cinema, atingem a concepção de tempo, alteram também o caráter e a função do espaço, o qual perde sua qualidade estática, tornando-se ilimitadamente fluido e dinâmico, aditiva e/ou narrativa, deixando de ser espaço físico homogêneo e fixo, “pintura”, assume a heterogeneidade do movimento do tempo que o conduz (PELLEGRINI, 2003, p. 22).

Com a alteração do espaço-tempo, o cineasta consegue deixar as “imagens” mais fluidas e dinâmicas no filme, produzindo profundas alterações. Assim, a distância entre uma cena e outra pode ser descartada, percebendo-se o correr do tempo através dos diálogos, das interações sociais dos personagens ou por seu envelhecimento.

Um outro exemplo seria das adaptações de grandes diretores como Walt Disney (1901-1966), que adaptou vários contos de Perrault e dos irmãos Grimm, sendo os mais conhecidos, respectivamente, *A Cinderela* (1950) e *A Branca de Neve e os Sete Anões* (1937), este último filme citado foi o primeiro filme animado que o diretor Walt Disney produziu e que foi referência para muitas outras adaptações animadas e realistas.

Segundo afirma Abramovich (1997, p. 121), citado por Araújo (2016, p. 29), sobre o papel dos elementos que compõem os contos de fadas:

Cada elemento dos contos de fadas tem um papel significativo, importantíssimo e, se for retirado, suprimido ou atenuado, vai impedir que a criança compreenda integralmente o conto. Por isso se condena tanto o que Walt Disney fez com os contos de fadas... Ao adocicá-los, pasteurizá-los, ao retirar-lhes os conflitos essenciais, tirou também toda a sua densidade, significação e revelação...

Suas animações, com o tema de princesas ou donzelas em perigo, são frutos de muita magia, amor e amizade. As personagens principais sempre encontram, no decorrer de suas próprias histórias, um príncipe que as resgata e, no final, vivem “felizes para sempre”, sendo está uma das principais críticas que fazem contra o diretor por suavizar ou distorcer a realidade para o público infantil.

É importante ressaltar que o filme passa por vários setores antes de ser lançado no cinema, e estes vão desde o roteiro, a direção, a iluminação, o figurino, os efeitos especiais em 2D e em 3D, passando por vários profissionais dessas áreas, até se ter em mãos o produto final. Com o desenvolvimento de novas tecnologias e a licença poética dos diretores, os filmes, conseqüentemente, vêm proporcionando mais qualidade para os telespectadores e amantes de filmes.

O processo de adaptação, portanto, não se esgota na transposição do texto literário para um outro veículo. Ele pode gerar uma cadeia quase infinita de referências a outros textos, constituindo um fenômeno cultural que evolui processos dinâmicos de transferência, tradução e interpretação de significados e valores histórico-culturais (GUIMARÃES, 2003, p. 90)

Quando se adapta a obra narrativa para o cinema, pode ocorrer de o diretor usar alguns elementos ou citar novas obras, mesclando a obra que está sendo adaptada com outra(s), construindo, assim, uma nova história, exatamente como o que acontece em *Monsters, Inc* (2001) onde aparece o boneco de *Finding Nemo* (2003) ou quando aparece

um boneco do *Totoro*, um dos personagens principais da animação japonesa intitulada *Tonari no Totoro* (1998), do terceiro filme de *Toy Story* (2010). Muitos roteiristas, ao fazerem essa referência a outras obras, fazem com que os espectadores fiquem com curiosidade em saber de onde veio esse elemento, e busquem respostas, os ajudando a descobrir e gostar dessas obras.

Percebe-se que tanto a obra narrativa quanto a sua adaptação cinematográfica tem um papel fundamental na vida das crianças, seja delimitando o bem do mal, ou com um final feliz. Na obra narrativa, as crianças conseguem captar os sentimentos alheios a ela, imaginar como são os personagens e os mais variados elementos da narrativa, e mesmo que o filme já possua todas essas características, não deixa de ser mágico e encantador ao ser assistido.

3 METODOLOGIA

3.1 Tipo de Pesquisa

O procedimento de coleta de dados usado foi o bibliográfico e o documental, pois já possuem materiais publicados no meio, como: o livro e o filme, que serão utilizados como fonte principal, respondendo, assim, à pergunta que foi proposta, porém utilizando os métodos científicos propostos pela ABNT.

O método usado foi o analítico-comparativo de natureza qualitativa, com o objetivo de verificar as semelhanças e as divergências dentro do texto em comparação a sua adaptação cinematográfica. Nesse sentido, os dados que foram coletados tanto das cenas das adaptações cinematográficas *The Secret Garden* (1993) e *The Secret Garden* (2020) quanto dos extratos do livro *The Secret Garden* (1911) foram analisados quanto a sua verossimilhança.

Por fim, levando em consideração os objetivos desta pesquisa, ela foi do tipo descritiva, pois os dados passaram por um minucioso processo que vai desde a observação até a interpretação, com o intuito de direcionar o leitor no que está sendo analisado tanto por meio de imagens quanto de texto.

A coleta de dados utilizados nesta pesquisa está em conformidade com a classificação proposta por autores da área de metodologia científica aqui estudados, como: Marconi&Lakatos, 2017; e Prodanov e Freitas, 2013, que contribuíram, e ainda contribuem, nas diversas pesquisas de cunho acadêmico, sendo assim ajudando na análise e na organização dos extratos no decorrer desta pesquisa.

3.2 População

A população desta pesquisa é a obra literária: *The Secret Garden* (1911), de Frances Hodgson Burnett, *The Secret Garden* (1993), dirigida por Agnieszka Holland e *The Secret Garden* (2020), dirigida por Marc Munden.

3.3 Amostra

A amostra foi formada por 10 extratos retirados da obra literária *The Secret Garden* (1911), de Frances Hodgson Burnett, 10 extratos retirados da adaptação cinematográfica

The Secret Garden (1993), dirigida por Agnieszka Holland, e 10 extratos retirados da adaptação cinematográfica *The Secret Garden* (2020), dirigida por Marc Munden, totalizando 30 extratos.

3.4 Técnica de Coleta de Dados

A técnica utilizada para a coleta de dados da obra literária *The Secret Garden* (1911) e das adaptações cinematográficas *The Secret Garden* (1993) e *The Secret Garden* (2020) foi a de observação direta, pois visa a conseguir informações contextualizadas.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo, foram comparados alguns fragmentos das adaptações cinematográficas *The Secret Garden* (1993) e *The Secret Garden* (2020) concomitantemente com o extrato do trecho do livro *The Secret Garden* (1911) de Frances H. Burnett, enquanto são analisados a fim de se encontrar as similaridades e as diferenças.

O filme *The Secret Garden* (1993), dirigido por Agnieszka Holland, tem duração de uma hora, trinta e sete minutos e dezoito segundos (01:37:18), no entanto as imagens retiradas para iniciar a comparação e análise foram as dos primeiros dois minutos do filme até trinta e três minutos e seis segundos (00:33:06).

O filme *The Secret Garden* (2020), dirigido por Marc Munden, tem duração de uma hora, quarenta minutos e nove segundos (01:40:09), no entanto as imagens que foram retiradas para começar a comparação e análise pertencem aos primeiros dois minutos e nove segundos (00:02:09) do filme até aproximadamente uma hora e quarenta e dois segundos (01:00:42).

O livro *The Secret Garden* (1911) escrito por Frances H. Burnett contém 327 páginas, porém os fragmentos retirados para fazer a comparação com suas adaptações cinematográficas pertencem às primeiras 107 páginas com o conteúdo da história.

Com base nisso, foram apresentados primeiro os extratos do filme de 1993, depois o de 2020 e, por fim, o trecho do livro referente à imagem retirada do filme. Sendo que cada extrato será disposto dentro de quadros seguindo a ordem dita anteriormente.

4.1 A Ayah

Quadro 01

THE SECRET GARDEN: O FILME DE 1993	THE SECRET GARDEN: O FILME DE 2020	THE SECRET GARDEN: A OBRA LITERÁRIA
 <p data-bbox="297 638 560 661">(HOLLAND, 00:02:13)</p>	 <p data-bbox="722 638 979 661">(MUNDEN, 00:48:25)</p>	<p data-bbox="1084 365 1463 636">“She had not wanted a little girl at all, and When Mary was born she handed her over to the care of an Ayah, who was made to understand that if she wished to please the Mem Sahib she must keep the child out of sight as much as possible” (BURNETT, 1911, p. 1).</p>

Fonte: a autora

Nas adaptações cinematográficas acima, os diretores tentaram recriar a cena do trecho referente ao livro de Burnett (1911, p. 1). Na primeira cena do filme de 1993, vemos a Ayah segurando Mary para que não atrapalhe sua mãe enquanto ela se maquia. Porém, na mesma cena do filme de 2020, Mary tenta abrir a porta para o cômodo onde sua mãe estava e Ayah tenta impedi-la.

A duas cenas compartilham o mesmo objetivo, porém em contextos diferentes. Enquanto a cena de 1993 se baseia claramente no trecho do livro *“and her mother had been a great beauty who cared only to go to parties and amuse herself with gay people”* (BURNETT, 1911, p. 1), ao contar sobre a beleza admirável de sua mãe e o seu gosto por festas. Neste fragmento, percebe-se que Mary não teve uma convivência familiar acolhedora, já que foi criada, basicamente, pela Ayah e pelos empregados nativos que trabalham em sua casa, o que explica sua personalidade, como foi mencionado na própria obra:

She never remembered seeing familiarly anything but the dark faces of her Ayah and the other native servants, and as they always obeyed her and gave her her own way in everything, because the Mem Sahib would be angry if she was disturbed by her crying (BURNETT, 1911, p. 1).

Em contrapartida, no filme de 2020, durante as lembranças de Mary sobre sua vida na Índia, é relatado que sua mãe, dotada de uma beleza esplendida como já foi dito acima, sofria de depressão e não queria sua filha por perto por parecer com sua falecida irmã gêmea.

4.2 A sobrevivente

Quadro 02

THE SECRET GARDEN: O FILME DE 1993	THE SECRET GARDEN: O FILME DE 2020	THE SECRET GARDEN: A OBRA LITERÁRIA
 <p>(HOLLAND, 00:04:15)</p>	 <p>(MUNDEN, 00:02:09)</p>	<p>“During the confusion and bewilderment of the second day Mary hid herself in the nursery and was forgotten by every one. Nobody thought of her, nobody wanted her, and strange things happened of which she knew nothing. Mary alternately cried and slept through the hours. She only knew that people were ill and that she heard mysterious and frightening sounds” (BURNETT, 1911, p. 4).</p>

Fonte: a autora

Baseando-se em um dos fenômenos da natureza, o terremoto, no filme de 1993, a diretora Agnieszka Holland optou por mostrar a morte dos pais de Mary tendo esse fenômeno natural como fundo em vez de matá-los com a cólera – que como foi mencionado no próprio livro de Burnett “*The cholera had broken out in its most fatal form and people were dying like flies*” (BURNETT, 1911, p. 4) – uma doença que assolou o mundo no século XX e da qual as pessoas ainda estavam se recuperando.

Antes de acontecer esta cena, no filme de 1993, Mary narra sobre como era sua vida na Índia enquanto vê seus pais em uma festa com nativos ricos. Após quebrar um urso de porcelana apreciado por sua mãe, ela ouve passos e risos e acaba se escondendo embaixo da cama. Ela vê, pela última vez, como ela narrou, seus pais antes de acontecer esta fatalidade.

No entanto, Marc Munden fez uma cena um pouco mais parecida com o trecho do livro. No começo do filme, Mary estava em um lugar escuro enquanto ouvia gritos e o nome “*Ayah*”, respectivamente. Neste momento, ela acende um fósforo e logo em seguida uma lamparina e começa a brincar com seus bonecos, enquanto conta uma história local da Índia.

A semelhança entre as duas cenas do filme é que Mary Lennox se esconde debaixo de algo enquanto a confusão acontece. No caso do filme de 1993, Mary se esconde debaixo de uma cama e, no filme de 2020, Mary se esconde debaixo de uma casa feita com lençóis e cadeiras. Em contraste com o trecho do livro, onde “*Mary*

alternately cried and slept through the hours” (BUNETT, 1911, p. 4), depois de escutar os sons estranhos pela casa.

4.3 No cais

Quadro 03

THE SECRET GARDEN: O FILME DE 1993	THE SECRET GARDEN: O FILME DE 2020	THE SECRET GARDEN: A OBRA LITERÁRIA
 <p>(HOLLAND, 00:05:02)</p>	 <p>(MUNDEN, 00:06:17)</p>	<p>“<i>Mary made the long voyage to England under the care of an officer's wife, who was taking her children to leave them in a boarding-school</i>” (BURNETT, 1911, p. 11).</p>

Fonte: a autora

A cena em que a personagem Mary Lennox, do filme de 2020, caminha em fila com as crianças corresponde com a do filme de 1993, porém nenhuma delas têm relação com o livro de *The Secret Garden*. No entanto, ambos os diretores colocaram um navio e o cais na cena do filme para representarem o trecho do livro “*she was going to sail away to England in a few days*” (BURNETT, 1911, p. 10), servindo como a ponte da Índia para a Inglaterra, onde acontece a transformação da personagem.

Como diz o trecho do livro, a mulher de um oficial acompanha seus filhos e Mary durante a viagem marítima. Nesta cena de 1993, Mary Lennox havia acabado de chegar na Inglaterra durante um dia chuvoso e aparece uma senhora segurando um guarda-chuva enquanto protege Mary e outras crianças próximas da chuva.

No filme de 2020, Mary estava na Índia caminhando em fila com outras crianças enquanto segura uma boneca. Nesta cena, vê-se que realmente há uma mulher segurando a mão de seus filhos, porém está um pouco distante de Mary e parecendo não se importar muito com a sua presença.

O outro marco importante dessa cena é a música *Dona Mary* ao contrário, que também é o título do capítulo dois do livro *The Secret Garden* de Burnett. A diretora Holland, diferente da nova versão dirigida por Munden, colocou essa parte da música durante a cena do cais. De repente, as crianças que viajaram no navio junto com Mary

começaram a cantar a canção “*Mistress Mary, quite contrary, how does your garden grow? With silver bells, and cockle shells, And marigolds all in a row*” (BURNETT, 1911, p. 9), deixando-a irritada.

4.4 Pelo pântano

Quadro 04

THE SECRET GARDEN: O FILME DE 1993	THE SECRET GARDEN: O FILME DE 2020	THE SECRET GARDEN: A OBRA LITERÁRIA
 <p data-bbox="298 835 563 863">(HOLLAND, 00:08:51)</p>	 <p data-bbox="716 835 976 863">(MUNDEN, 00:09:23)</p>	<p data-bbox="1065 583 1463 825">“when the carriage passed through the park gates there was still two miles of avenue to drive through and the trees (which nearly met overhead) made it seem as if they were driving through a long dark vault” (BURNETT, 1911, p. 23).</p>

Fonte: a autora

No trecho do livro de Burnett, quem leva Mrs. Medlock e Mary Lennox para a mansão Misselthwaite é um cocheiro com sua carruagem. Esse cocheiro estava à espera delas assim que elas saíram da estação, como foi mencionado no livro através de uma fala de um personagem secundário da história “*Well enow. Th' carriage is waitin' outside for thee*” (BURNETT, 1911, p. 20). A partir desse trecho, percebe-se que em alguns momentos o sotaque de Yorkshire, que aparenta ser caipira, terá uma participação na história.

A diretora Holland manteve o cocheiro e sua carruagem dentro da história, igual ao que consta no livro de Burnett, mantendo o estilo clássico. Enquanto isso, no filme de 2020, o diretor Murden mudou a carruagem por um carro parecido com um Ford 1941, mostrando uma evolução da época em que *The Secret Garden* (1911) é contada para a modernidade.

4.5 O quarto de Mary Lennox

Quadro 05

THE SECRET GARDEN: O FILME DE 1993	THE SECRET GARDEN: O FILME DE 2020	THE SECRET GARDEN: A OBRA LITERÁRIA
 <p data-bbox="310 615 574 646">(HOLLAND, 00:09:49)</p>	 <p data-bbox="743 615 992 646">(MUNDEN, 00:19:10)</p>	<p data-bbox="1084 380 1479 768">“She had never seen a room at all like it and thought it curious and gloomy. The walls were covered with tapestry with a forest scene embroidered on it. There were fantastically dressed people under the trees and in the distance there was a glimpse of the turrets of a castle. There were hunters and horses and dogs and ladies. Mary felt as if she were in the forest with them” (BURNETT, 1911, p. 25).</p>

Fonte: a autora

Nessas imagens acima, os diretores de ambas as adaptações fílmicas tentaram reproduzir o que está escrito no trecho do livro sobre como era o quarto de Mary Lennox ao chegar na mansão Misselthwaite – a mansão do seu tio na Inglaterra, como foi relatado pela Sra. Crawford, “*she was going to sail away to England in a few days and go to her uncle, Mr. Archibald Craven, who lived at Misselthwaite Manor*” (BURNETT, 1911, p. 10). No livro, consta que Mary ganhou dois quartos, quando Mrs. Medlock diz “*Well, here you are! This room and the next are where you’ll live*” (BURNETT, 1911, p. 24), no entanto, tanto no filme de 1993 quanto no de 2020, Mary recebe somente um quarto que foi adaptado para um quarto de criança.

No filme de 1993, Mary fica com um quarto com tapeçarias com desenhos de rei, rainha, cavaleiros, animais e outros desenhos um pouco sombrios, pois se tratava de um quarto para adultos, os móveis eram ornamentados e de madeira pura, e havia uma enorme janela com vista para a frente da mansão e todo o pântano que se estendia por quilômetros, como foi mencionado no extrato do texto da tabela 05.

No entanto, no filme de 2020, Mary recebeu um quarto um tanto sombrio. O quarto possuía uma cama de hospital com uma aparência velha, como foi relatado pela Sra. Medlock para Mary no trem, “*Don’t expecty luxury. Misselthwaite is not the place it was. Those army savage used it as hospital in the war, left it a wreck*” (MUNDEN, 00:08:38-00:08:48). Para parecer um quarto de criança, foi colocado um cavalo de madeira e mais tarde alguns brinquedos de empilhar.

No papel de parede do filme *The Secret Garden* (2020) havia desenhos, com pés de laranjeira e vários pássaros nas árvores ou voando de galho em galho. Esses pássaros e esse pomar têm um propósito no filme, a saber, quando Mary olha para eles, os pássaros ganham vida, trazendo à tona o quão rica é a imaginação da protagonista criança, fazendo com que naturalmente se tornasse o próprio jardim. Além disso, pode-se relacionar isso a um trecho do livro

She ran up the walk to the green door she had entered the first morning. Then she ran down the path through the other door and then into the orchard, and when she stood and looked up there was the tree on the other side of the wall, and there was the robin just finishing his song and beginning to preen his feathers with his beak (BURNETT, 1911, p. 49).

Neste trecho, percebe-se que Munden não tentou só estimular a imaginação de Mary Lennox ao olhar para o papel de parede como, também, recriar os jardins da mansão *Misselthwaite*, porém dentro do seu próprio quarto.

4.6 Ataque de fúria

Quadro 06

THE SECRET GARDEN: O FILME DE 1993	THE SECRET GARDEN: O FILME DE 2020	THE SECRET GARDEN: A OBRA LITERÁRIA
 (HOLLAND, 00:17:33)	 (MUNDEN, 00:14:55)	"What!" she said. "What! You thought I was a native. You—you daughter of a pig!" Martha stared and looked hot. "Who are you callin' names?" she said. "You needn't be so vexed. That's not th' way for a young lady to talk" (BURNETT, 1911, p. 28). "Mary did not even try to control her rage and humiliation" (BURNETT, 1911, p. 29).

Fonte: a autora

Mary Lennox foi retratada pela Burnett (1911, p. 1) como uma criança rabugenta, pois ela foi mimada por sua Ayah e pelos outros criados de sua casa. Como é relatado neste trecho: *"by the time she was six years old she was as tyrannical and selfish a little pig as ever lived"* (BURNETT, 1911, p. 1), percebe-se que ser criada do jeito que ela queria a tornou uma criança arrogante. Então, ambos os diretores das adaptações cinematográficas adaptaram os trechos em que Mary Lennox questiona Martha se ela seria a sua criada e se ela a vestiria, pois ela nunca foi ensinada a se vestir sozinha.

Como podemos ver no extrato de *The Secret Garden* (1993), Mary Lennox bate em Martha, a empregada da Sra. Medlock, enquanto a empurra para trás, por causa do que a própria Martha disse sobre como eles se vestem na Índia: *“What do they wear in India? When I heard you were coming, I thought you’d be a native”* (AGNIESZKA, 00:17:22). Instantaneamente, Mary ficou possessa pelo o que a Martha lhe disse, e rapidamente, respondeu com seus modos arrogantes indianos: *“What!” she said. “What! You thought I was a native. You—you daughter of a pig!”* (BURNETT, 1911, p. 28), mostrando desaprovação.

Já no extrato que foi retirado do filme *The Secret Garden* (2020), Mary dá um chute no assoalho do quarto após Martha dizer *“Dress you? Do you not know how? Me mother always say she can’t see why grand people’s children didn’t turn out to be fools, what with being washed and dressed and took out to walk as if they were puppies”* (MUNDEN, 00:14:42-00:00:14:55). Após essa cena no filme, Mary reaparece andando pelo corredor da mansão, já vestida.

4.7 O canto do pintarroxo

Quadro 07

THE SECRET GARDEN: O FILME DE 1993	THE SECRET GARDEN: O FILME DE 2020	THE SECRET GARDEN: A OBRA LITERÁRIA
 (HOLLAND, 00:23:15)	 (MUNDEN, 00:09:54)	<i>“She could see the tops of trees above the wall, and when she stood still she saw a bird with a bright red breast sitting on the topmost branch of one of them, and suddenly he burst into his winter song—almost as if he had caught sight of her and was calling to her”</i> (BURNETT, 1911, p. 37-38).

Fonte: a autora

Este pássaro, sem dúvida nenhuma, é um dos personagens mais importantes dentro da história de *The Secret Garden*, e que ajuda na transformação de Mary Lennox, como foi mencionado em um trecho posterior: *“Mistress Mary forgot that she had ever been contrary in her life when he allowed her to draw closer and closer to him, and bend down and talk and try to make something like robin sounds”* (BURNETT, 1911, p. 70).

O pintarroxo é inserido pela primeira vez no livro de Burnett (1911) quando Mary sai da mansão em direção ao jardim e lá encontra o jardineiro Ben Weatherstaff – personagem secundário que foi omitido no filme de 2020 – e o seu único amigo: Robin, o pintarroxo, onde “*she saw a bird with a bright red breast sitting on the topmost branch of one of them*” (BURNETT, 1911, p. 37-38).

No filme *The Secret Garden* (1993), Mary já estava entrando de porteira em porteira dentro dos jardins, até que um muro com hera chamou sua atenção: “*She had just paused and was looking up at a long spray of ivy swinging in the wind*” (BURNETT, 1911, p. 48) e, logo, apareceu o pintarroxo com seu trinado encantador. Nessa cena do filme, Mary segue o pintarroxo quando ele voa para dentro do jardim e o vê pelo buraco do muro em cima de uma estátua. Como foi dito por Ben Weathersaff tanto no filme de 1993 quanto no livro (1911): “*He lives there,*” said old Ben” (BURNETT, 1911, p. 45). Ben Weatherstaff diz “I can’t think why, but he’s decided to make friends of thee” (HOLLAND, 00:26:13), depois disso Ben vai embora e Mary diz que nunca teve amigos.

No filme de 2020, o pintarroxo serve como um guia para Mary Lennox encontrar o que foi perdido. Sua primeira aparição foi quando Mary estava chegando em Misselthwaite, momento no qual ele cantou e foi até a janela do carro onde Mary estava (MUNDEN, 00:09:52), como se estivesse esperando-a há muito tempo.

Em ambas as obras, Mary sentiu como se o pequeno pássaro, Robin, estivesse observando-a e chamando-a, como foi relatado na tabela 07: “*almost as if he had caught sight of her and was calling to her*” (BURNETT, 1911, p. 38). De fato, enquanto a obra literária e o filme de 1993 abordam a amizade entre a personagem-criança Mary Lennox e o pássaro Robin; no filme de 2020, não vemos essa amizade, porém percebemos que ela sabia o seu nome: “It’s just a friendly Robin” (MUNDEN, 00:37:46).

4.8 Encontrei uma chave

Quadro 08

THE SECRET GARDEN: O FILME DE 1993	THE SECRET GARDEN: O FILME DE 2020	THE SECRET GARDEN: A OBRA LITERÁRIA
 <p data-bbox="305 653 578 682">(HOLLAND, 00:14:18)</p>	 <p data-bbox="727 653 984 682">(MUNDEN, 00:38:51)</p>	<p data-bbox="1062 380 1419 831">"Mary looked at it, not really knowing why the hole was there, and as she looked she saw something almost buried in the newly-turned soil. It was something like a ring of rusty iron or brass and When the robin flew up into a tree nearby she put out her hand and picked the ring up. It was more than a ring, however; it was an old key which looked as if it had been buried a long time" (BURNETT, 1911, p. 71)</p>

Fonte: a autora

Como podemos ver nestes extratos acima, em ambas as obras, houve uma mudança na hora de encontrar a chave que estava enterrada, como foi dito pela própria Mary enquanto fitava a chave em suas mãos: "*Perhaps it is the key to the garden!*" (BURNETT, 1911, p. 71).

Na obra literária *The Secret Garden* (1911), essa chave esteve enterrada por 10 anos após a morte da esposa do seu tio, como foi dito por Ben Weatherstaff: "*But there must have been one ten years ago, because Mr. Craven buried the key.*" (BURNETT, 1911, p. 50). E esse montículo foi encontrado justamente pelo Robin "o pintarroxo", quando estava procurando uma minhoca para se alimentar, "*He stopped on it to look for a worm*", fazendo com que Mary ficasse curiosa em saber o que tinha lá.

Na adaptação cinematográfica de 1993, Mary encontrou a chave dentro de um porta-joias que estava em um quarto abandonado que pertencia a sua falecida tia, após olhar a foto de sua mãe ao lado de sua tia (HOLLAND, 00:13:48). No começo, era só mais uma chave, pois ela ainda desconhecia esse misterioso jardim, fazendo com que ela a colocasse de volta no mesmo lugar que a encontrou.

Já na adaptação cinematográfica de 2020, Mary estava brincando com seu cachorro Jemima, quando encontrou pela segunda vez o pintarroxo do lado de um lago. Nessa hora, Mary estava olhando a paisagem enquanto se encostava em uma pedra que

chegava na sua cintura. O pintarroxo aparece quando Mary já tinha se afastado, fazendo com que ele vá até a pedra e depois entre no buraco (MUNDEN, 00:37:56). Então, o pintarroxo sai do buraco, pia, volta para dentro e depois sai novamente, como se estivesse falando para Mary colocar sua mão dentro do buraco, porém o seu cachorro Jemima pegou um graveto e entregou para Mary, e ela usou-o para, enfim, pegar o objeto que estava dentro desse buraco.

4.9 A porta do jardim misterioso

Quadro 09

THE SECRET GARDEN: O FILME DE 1993	THE SECRET GARDEN: O FILME DE 2020	THE SECRET GARDEN: A OBRA LITERÁRIA
 <p data-bbox="315 1045 586 1071">(HOLLAND, 00:27:10)</p>	 <p data-bbox="764 1045 1019 1071">(MUNDEN, 01:00:42)</p>	<p data-bbox="1127 758 1463 1003"><i>"She put her hands under the leaves and began to pull and push them aside. Thick as the ivy hung, it nearly all was a loose and swinging curtain, though some had crept over wood and iron"</i> (BURNETT, 1911, p. 81).</p>

Fonte: a autora

Este é o momento mais esperado na obra de Burnett, a descoberta da porta do jardim misterioso. Deve-se levar em conta que existe uma mudança no espaço-tempo nas adaptações cinematográficas. Enquanto a porta no filme de 1993 foi encontrada antes da metade do filme; no filme de 2020 a porta foi encontrada após 1 hora de filme. Isto se dá pelo fato de que o diretor Munden tentou desenvolver mais a amizade entre a personagem Mary e seu cachorro Jemima, já que o personagem Ben Weatherstaff e a interação que ela teve com Robin foram ocultados.

Como se pode perceber ao ler o extrato do livro, Mary encontrou a porta após puxar e empurrar a hera para o lado: *"She put her hands under the leaves and began to pull and push them aside"* (BURNETT, 1911, p. 81). Porém quem encontrou a porta foi o Robin, após Mary pedi-lo para que ele a ajudasse a encontrá-la, como é mostrado nesta fala: *"You showed me where the key was yesterday," she said. "You ought to show me the door to-day; but I don't believe you know!"* (BURNETT, 1911, p. 80).

Na adaptação de 1993, a diretora Holland não modificou essa cena e deixou do jeito que estava na obra de Burnett, como uma amostra da amizade entre Mary e Robin.

Mas antes de a Mary encontrar a porta com a ajuda de Robin, em sua primeira visita aos jardins da mansão *Misselthwaite*, Mary olha para o farfalhar nas heras que pendiam na parede (HOLLAND, 00:22:07), como se o próprio jardim a estivesse chamando. Na obra literária, dizia: “*Mary Lennox had heard a great deal about Magic in her Ayah's stories, and she always said that what happened almost at that moment was Magic*” (BURNETT, 1911, p. 80).

Agora na adaptação de 2020, Jemima, o cachorro que Mary encontrou no bosque, foi quem mostrou o caminho para o jardim (MUNDEN, 00:23:44), no começo, Mary ficou olhando para o muro com heras e galhos de árvores que pendiam juntamente com um galho de flores rosas, porém não entrou no jardim pois ouviu a Sr. Medlock chamando-a. Mais tarde, após fazer amizade com Dickon, irmão de Martha, Mary encontra a porta por acaso. Dickon e Mary estavam brincando dentro do jardim, justamente na parede do jardim, quando Mary se segurou em um galho com hera e caiu no chão, o pintarroxo foi até ela e depois voltou para o muro enquanto piava (MUNDEN, 01:00:33), mostrando uma parte da porta do jardim.

Nesta cena do filme de 2020, diferentemente do filme de 1993, Dickon e Mary empurram a hera para o lado e encontram uma fechadura (MUNDEN, 01:00:42). No trecho do livro estava escrito: “*It was the lock of the door which had been closed ten years and she put her hand in her pocket, drew out the key and found it fitted the keyhole*” (BURNETT, 1911, p. 81), e foi justamente esse trecho que Munden (2020) optou por deixar na cena para fazer mais sentido. “*It's locked*”, disse Dickon ao ver que a porta ainda estava fechada, “*Not for long*”, refutou Mary ao tirar de seu bolso uma chave e mostrá-la para Dickon com um sorriso no rosto (MUNDEN, 01:00:47).

4.10 O misterioso jardim

Quadro 10

THE SECRET GARDEN: O FILME DE 1993	THE SECRET GARDEN: O FILME DE 2020	THE SECRET GARDEN: A OBRA LITERÁRIA
 <p data-bbox="321 667 592 699">(HOLLAND, 00:29:47)</p>	 <p data-bbox="764 667 1019 699">(MUNDEN, 00:34:22)</p>	<p data-bbox="1105 380 1463 768">“There were neither leaves nor roses on them now and Mary did not know whether they were dead or alive, but their thin gray or brown branches and sprays looked like a sort of hazy mantle spreading over everything, walls, and trees, and even brown grass, where they had fallen from their fastenings and run along the ground” (BURNETT, 1911, p. 82).</p>

Fonte: a autora

Após Mary entrar no jardim na obra literária, ela se depara com um lugar sem vida, ou pelo menos, como foi dito no extrato do livro, “*Mary did not know whether they were dead or alive*”, como diz o trecho abaixo:

“If she had been Ben Weatherstaff she could have told whether the wood was alive by looking at it, but she could only see that there were only gray or brown sprays and branches and none showed any signs of even a tiny leaf-bud anywhere” (BURNETT, 1911, p. 83).

Na adaptação cinematográfica de 1993, Mary empurra a porta de madeira e entra no jardim, passando por uma abóbada feita pelos galhos de árvores e plantas secas (HOLLAND, 00:28:23). Então, ela começa a andar pelo jardim em busca de algo que mostrasse que o jardim ainda estava vivo. Como foi mencionado no trecho do livro, “*She looked in the old border beds and among the grass, and after she had gone round, trying to miss nothing, she had found ever so many more sharp, pale green points, and she had become quite excited again.*” (BURNETT, 1911, p. 85), Mary encontrou uma pequena planta viva e se sentou no chão começando a tirar os capins secos ao redor dela (HOLLAND, 00:30:06).

Em contrapartida, na adaptação de 2020, o jardim que Mary entrou estava cheio de vida como se nunca tivesse sido abandonado. A partir disso, vemos que a única diferença do jardim misterioso escrito no livro e com o filme de 1993 para a versão de 2020 é a intenção da personagem-criança. Enquanto a Mary do livro (1911) e do filme de

1993 estava ansiosa para entrar no jardim misterioso para ver as roseiras, a Mary do filme de 2020 entrou porque seu cachorro Jemima estava ferido e ela queria ajudá-lo a se curar.

Além disso, na versão de 1993 e na próprio livro, Mary entrou no jardim pela porta após usar a chave para abrir a fechadura. Enquanto isso, a personagem Mary da versão de 2020 entrou no jardim pelo muro, pois nem ela sabia que lugar era aquele no princípio.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo comparar e analisar a obra literária *The Secret Garden* (1911), de Frances Hodgson Burnett, e as adaptações cinematográficas *The Secret Garden* (1993), dirigida por Agnieszka Holland, e *The Secret Garden* (2020), dirigida por Marc Munden, tendo como foco o processo de transição da obra narrativa para a adaptação cinematográfica e a interpretação do cineasta sobre a obra literária.

Ao analisar as obras mencionadas acima, foi levantada como hipótese a licença poética que se dá pela interpretação do cineasta ao ler a obra literária antes de adaptá-la para a contemporaneidade. Além disso, destacou-se como uma outra hipótese a importância do uso adequado do tempo e espaço na obra adaptada para deixá-la mais fluida.

Nas adaptações cinematográficas, os cineastas mantiveram o tema original proposto, mantendo, assim, uma certa fidelidade com o livro. Os personagens, o enredo e os elementos que compõem os cenários descritos no livro são vistos como cruciais na transformação dos personagens. Na adaptação cinematográfica de 1993, a diretora Holland focou em deixar o filme mais realístico e na transformação dos personagens principais sem cortar da trama os personagens secundários considerados importantes nessa trama. No caso da adaptação cinematográfica de 2020, Munden focou no drama vivido pelos personagens, alterando tanto o enredo como os próprios cenários da obra literária para se adequar melhor na transformação dos personagens.

A partir disso, percebe-se que o enredo e até os próprios cenários de ambas as adaptações cinematográficas são um pouco infiéis em relação à obra literária, porém a transformação dos personagens tanto nos filmes quanto na obra literária é fiel. Enquanto os cenários da adaptação cinematográfica de 1993 tentam se adequar de forma mais realística à obra literária, na adaptação de 2020 novos cenários foram introduzidos para se adequar à mudança dos personagens e do próprio enredo.

Baseando-se no que foi analisado, pode-se afirmar que as adaptações cinematográficas *The Secret Garden* (1993) e *The Secret Garden* (2020) são fiéis quanto ao tema inicial da obra literária. No entanto, somente em *The Secret Garden* (2020) percebe-se que as mudanças dentro do enredo e dos próprios cenários ocorrem de

maneira mais drástica, sendo infiel na adaptação dos cenários descritos no livro, diferente de *The Secret Garden* (1993), que traz para as telas adaptações semelhantes dos cenários e do enredo descritos na obra literária. Portanto, as hipóteses levantadas nessa pesquisa foram comprovadas, pois graças à licença poética conferida aos cineastas, eles puderam afetar tanto o enredo quanto os cenários, às vezes tornando a obra adaptada uma obra original em relação à obra que foi adaptada.

A partir disso, ressalta-se a importância do estudo e da prática da literatura comparada como também da adaptação cinematográfica, contribuindo, assim, nas investigações direcionadas à obra literária *The Secret Garden*. Enfim, esta pesquisa abre novas investigações acerca das adaptações dos cenários e do próprio enredo, não só da obra *The Secret Garden*, como também de muitas outras de mesmo cunho literário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997. Disponível em: < <https://docero.com.br/doc/x1vxvs> >. Acesso em: 12 de dezembro de 2021.

ARAÚJO, M. S. S. **A bela adormecida e malévola: uma análise de contos de fadas adaptados para o cinema**. Cajazeiras, 2016. Disponível em:< <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/bitstream/riufcg/9014/3/MARIA%20SOLANGE%20SILVA%20ARA%20C3%9AJ0.%20TCC.%20ESP.%20EM%20ESTUDO%20LITER%20%81RIOS.2016.pdf> >. Acesso em: 12 de dezembro de 2021.

ALSEMI, A. L. **Literatura Comparada**. Rio de Janeiro: Estácio, 2016. Disponível em: < <https://doceru.com/doc/81nx01> > Acesso em: 13 de novembro de 2022.

BURNETT, F. H. **The Secret Garden**. Washigton, 1909. Disponível em:< <https://girlebooks.com/ebook-catalog/frances-hodgson-burnett/the-secret-garden/> > . Acesso em: 30 de julho de 2022.

CADEMARTORI, L. **O que é literatura infantil**. Tatuapé: editora e livraria brasiliense, 2010.

CHOEDA. **The Origin and Development of English Novel: A Descriptive Literature Review**. International Journal of English Literature and Social Sciences, Bhutan, vol-4, issue 4, p.1099-1104, Jul-Aug, 2019. Disponível em:< <https://ijels.com/detail/the-origin-and-development-of-english-novel-a-descriptive-literature-review/> > Acesso em 13 de novembro de 2022.

Agnieszka Holland. Culture pl. Disponível em:< <https://culture.pl/en/artist/agnieszka-holland> > Acesso em 12 de novembro de 2022.

GERZINA, G. H. **Frances Hodgson Burnett: The Unexpected Life of the Author of The Secret Garden**. New Hampshire: Rutgers University Press, 2006.

GUIMARÃES, H. **O romance do século XIX na televisão**: observações sobre a adaptação de *Os Maias*. In. PELLEGRINI, T. et al. **Literatura, cinema e televisão**. São Paulo: Editora Senac São Paulo - Instituto Itaú Cultural, 2003. p. 92-114. Disponível em:<<https://docero.com.br/doc/1nn5cx8> >. Acesso em: 23 de janeiro de 2022.

MARCONI, M. A ; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 8 ed. São Paulo: Atlas, 2017. Disponível em: <<https://www.meulivro.biz/metodologia/3358/fundamentos-de-metodologia-cientifica-lakatos-marconi-8-ed-pdf/>>. Acesso em: 17 de julho de 2022.

MARC MUNDEN. Directors Now. Disponível em:<<https://www.directorsnow.com/marc-munden/>>. Acesso em: 13 de novembro de 2022.

O VERÃO de Tubarão (Temporada 1, ep. 1). In. **A Ótica do Cinema**. Criação de David Fincher. Produção: David Fincher, David Prior, Ceán Chaffin, Joshua Donen, Neil Kellerhouse, Ross M. Dinerstein e Ross Girard. Estados Unidos: Netflix, 2021. 1 vídeo (17 min). Acesso em: 08 de julho de 2022.

PELLEGRINI, T. **Narrativa verbal e narrativa visual**: possíveis aproximações. In. PELLEGRINI, T. et al. **Literatura, cinema e televisão**. São Paulo: Editora Senac São Paulo - Instituto Itaú Cultural, 2003. p. 15-35. Disponível em:<<https://docero.com.br/doc/1nn5cx8> >. Acesso em: 23 de janeiro de 2022.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico**: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SANTOS, L. A. B; OLIVEIRA, S. P. **Sujeito, Tempo e Espaço Ficcionalis**: Introdução à Teoria da Literatura. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

The Secret Garden. Direção: Agnieszka Holland. Produção: Francis Ford Coppola. YTS.mx. 14 de junho de 2020. Duração: 01:41:27. Disponível em: <<https://yts.torrentbay.to/movies/the-secret-garden-1993> >. Acesso em: 23 de janeiro de 2022.

The Secret Garden. Direção: Marc Munden. Produção: David Heyman. YTS.mx. 30 de setembro de 2020. Duração: 01:39:44. Disponível em: <<https://yts.torrentbay.to/movies/the-secret-garden-2020>>. Acesso em: 24 de janeiro de 2022.

XAVIER, I. **Do texto ao filme**: a trama, a cena e a construção do olhar no cinema. In. PELLEGRINI, T. et al. **Literatura, cinema e televisão**. São Paulo: Editora Senac São Paulo - Instituto Itaú Cultural, 2003. p. 61-89. Disponível em:<<https://docero.com.br/doc/1nn5cx8>>. Acesso em: 23 de janeiro de 2022.

ZAVODNY, D. J. P. **Análise comparativa entre a obra *Alice no país das maravilhas* (1865) de Lewis Carrol e a adaptação cinematográfica *Alice in wonderland* (2010) de Tim Burton**. Oiapoque: Repositório UNIFAP, 2014. Disponível em<<http://repositorio.unifap.br/handle/123456789/364>> Acesso em: 12 de dezembro de 2021.